



SENTIDOS, (RE)DIVISÃO E CONTRADIÇÃO: UM OLHAR DISCURSIVO PARA O ESPAÇO URBANO DE ENTRE RIOS

Marcio José de Lima Winchuar¹

Maria Cleci Venturini²

Considerações iniciais

Lançar um olhar para o espaço urbano pelo viés discursivo tem sido parte da pesquisa de diversos estudiosos do campo da linguagem e tem contribuído de forma bastante significativa para os sentidos da cidade, de seus espaços e dos sujeitos que a habitam, por meio do discurso. Vale lembrar que, nessa perspectiva, a cidade constitui-se como um grande texto a ser lido/interpretado/compreendido por aqueles que estruturam a sua corporidade. Nesse funcionamento, de acordo com Orlandi (2003) a memória não funciona como pressuposto, mas como constituição, pelo jogo de forças entre o simbólico e o político existente nesse espaço,

O nosso objeto é o espaço urbano, tendo em vista o enfoque discursivo, selecionamos a colônia alemã de Entre Rios, em Guarapuava-PR, buscando identificar efeitos de sentido que sinalizam para uma (re)divisão do espaço urbano, uma vez que é visível o estabelecimento de um confronto entre o que é “nacional” e o que é “estrangeiro”, que ressoa nesse espaço, principalmente, pelo funcionamento da língua na história e considerando a ideologia como o lugar material da língua. Vemos que recortar o espaço urbano e nele, a Colônia de Entre Rios, é ainda insuficiente, por isso, centramos-nos nas designações de nomes das ruas que estruturam a colônia e destacamos como materialidades a serem analisadas, as placas colocadas nas avenidas e ruas da região. Em Entre Rios, a constituição desse espaço ocorre de uma forma bastante particular, uma vez que há discursos que retomam não só a história e as lembranças/comemorações “nacionais”, como também, discursos que retomam o “estrangeiro”, fazendo sentido somente neste lugar. Os nomes de ruas que identificam o espaço, conforme Guimarães (2005, p.52), “são determinados por uma história de nomes que se repetem para histórias diversas” e esses nomes, nesse lugar, estão escritos em suas línguas e o nome, muitas vezes, não faz parte da memória nacional, mas do estrangeiro.

Nossa preocupação em identificar como se constitui o espaço de Entre Rios está ligada ao que afirma Orlandi (2004, p.11), quando postula que “no território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um só”, estando um atado ao outro de tal modo que o destino de um é “constitutivo” do destino do outro. Nesse sentido, podemos dizer que para entender o sujeito é preciso entender o funcionamento da cidade, assim como para entender a cidade é preciso entender,

¹Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Centro-oeste (UNICENTRO-PR) E-mail: mwinchuar@gmail.com

² Professora do programa de pós-graduação em Letras (UNICENTRO-PR). Doutorado em Estudos Linguísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria – Rio Grande do Sul - RS. E-mail: mariacleciventurini@gmail.com.br



também, o sujeito. A cidade se impõe ao sujeito nos efeitos de realidade, tendo em vista que nada pode ser pensado sem a cidade em suas diversas dimensões, tais como a política, material, cultural, histórica, entre outras, justificado a pertinência da exploração de como os sentidos ocorrem nesse espaço de atuação.

Contexto sócio-histórico de Entre Rios

A colônia alemã de Entre Rios, situada em Guarapuava, região central do Paraná, foi fundada em 1951, pelos Suábios do Danúbio ou *Donauschwabern*, imigrantes advindos da antiga Iugoslávia, Hungria e Romênia e seus descendentes que chegaram ao Brasil na década de 1950. Atualmente, a colônia é formada por cinco vilas: Vitória, Jordãozinho, Cachoeira, Socorro e Samambaia, as quais, juntas, somam atualmente mais de 10.000 habitantes. Entre Rios destaca-se, não só pelo forte poder econômico, mas também, pela sua cultura germânica, uma vez que os suábios que há sessenta anos iniciaram o processo de colonização encontraram meios de preservar “rastros” de sua origem, os quais se dão por meio de seu idioma, seus costumes e arquitetura (Stein, 2011).

Tais “rastros”, presentes no espaço urbano da comunidade, são visíveis também por meio das placas de sinalização das vilas, nomes de ruas, nomes de centros culturais e de saúde, que se apresentam escritos no idioma alemão e português, dando visibilidade aos estreitos vínculos entre os suábios e a Alemanha, em razão de seus antepassados serem oriundos do sul e sudeste deste país. Segundo Venturini (2009, p.68), “rastros e vestígios linearizam no eixo da formulação o presente cultural do espaço urbano, mas também, a história e memória desse espaço e dos sujeitos que o constituem e são por ele constituídos”.

O campo teórico–metodológico da teoria da Análise de Discurso, norteadora deste trabalho, considera o processo de produção de sentidos, tomando como ponto de observação o discurso, entendido por Orlandi (2003, p.21) como “efeito de sentido entre locutores”. Tal teoria relaciona a língua, a história e a ideologia, que se materializa no discurso, não procurando uma chave de leitura, mas problematizando-a em cada materialidade simbólica. Segundo Orlandi (2004, p. 18), “o discurso é uma noção fundadora e a questão de sentido é uma questão aberta”. Para tratá-la, é preciso considerar a língua e sua materialidade com a relação da materialidade da história, uma vez que para que ocorra sentido é necessário que a língua se inscreva na história, possibilitando a compreensão de como um texto funciona e produz sentidos.

Nos estudos relacionados à cidade, diferentemente do antropólogo, do sociólogo urbano e de outros especialistas do espaço, o analista de discurso atenta para a necessidade de compreender a interpretação, posto que para compreender a cidade por meio do discurso demanda enfatizar o fato de que também ela constituiu um objeto simbólico que produz sentidos. No nosso caso, específico, procuramos compreender como as ruas da Colônia de Entre Rios produzem sentidos e como esses sentidos funcionam, nesse espaço. Atualmente, a cidade é uma realidade que se impõe e nada pode



ser pensado sem ela, uma vez que as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida, entrelaçam-se no seu espaço (Orlandi, 2004).

A cidade, do ponto de vista discursivo, é vista por Orlandi (1999, p.8), “como um espaço simbólico que tem sua materialidade e que produz uma significância. Ela dá forma a um conjunto de gestos de interpretação que constituem o urbano, cujo discurso realiza-se no confronto entre o simbólico e o político”. Convém mencionar aqui, que o simbólico e o político conjugam-se no processo de produção de sentidos, uma vez que para a teoria discursiva todo discurso é ideológico, ou seja, não existe um discurso neutro. Assim, quando pensamos a ideologia por meio da linguagem, a tomamos como um mecanismo estruturante do processo de significação, posto que se materializa na linguagem e é parte de seu processo de significação. É a partir dessa comunhão que podem ser observados os “efeitos de sentidos” em determinadas condições de produção (Orlandi, 2003).

Venturini (2009, p.41) concebe/define a cidade como “um grande texto que se constitui e se deixa constituir numa ordem que de um lado é própria dela e de outro se caracteriza por sua ligação com os sujeitos-cidadãos que a habitam e a significam como texto”. Segundo a autora, a cidade apresenta-se não só como um texto saturado, no qual tudo está dito, mas também como uma página em branco a ser escrita, compreendida, lida, interpretada pelos sujeitos/cidadãos que vivem nela e também pelos que a visitam, os quais a significam e são significados por ela.

Por esse viés, é pertinente a observância de sinais que dão visibilidade a processos de identificação. Pêcheux (1997, p.163) entende que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso efetua-se pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”. Em outras palavras, tal identificação que constitutiva do sujeito ancora-se no interdiscurso, como pré-construído – como aquilo que significa antes em outro lugar conforme Pêcheux (idem) . Segundo o mesmo autor, as formações ideológicas são representadas por meio da linguagem na formação discursiva, pois o sujeito se significa e é significado pela sua manifestação linguística, pelo que se reafirma que os sentidos sempre podem ser outros.

Ao tomar os nomes de ruas como objetos simbólicos em determinados espaços, convém pensar nele e em sua relação com a língua na história, uma vez que tais nomes próprios podem ser de pessoas, nomes topográficos, nomes de cidades ou países, nomes próprios de pessoas determinados por titulação, sintagmas preposicionados, datas comemorativas ou números. Essas estruturas apontam para uma diferença no funcionamento dos nomes e, conseqüentemente, aos sentidos proporcionados por eles. Os nomes de ruas, de forma geral, são determinados por uma história de nomes que se repete em diversas cidades (Guimarães, 2005).

No espaço urbano os nomes de ruas dão visibilidade ao que é *rememorar/comemorar* pelos sujeitos-cidadãos que habitam o lugar. Por esse viés, podemos afirmar que os nomes de ruas ultrapassam as questões de endereçamento, atingindo os sujeitos em sua constituição, tendo em vista que abarca memórias e discursos que retornam e ressoam, sinalizando para “como” o espaço

urbano faz sentido, se significa e significa os sujeitos, presentificando sujeitos, datas e acontecimentos enunciativos, mas nem sempre acontecimentos discursivos. Os discursos que circulam na colônia de Entre Rios, sobre a “velha pátria”³ sustentam-se, também, pelos nomes de ruas, pelo seu funcionamento como *lugares de memória*, ou seja, espaço de rememoração/comemoração que constituem o espaço urbano que é dividido entre o “nacional”, que se relaciona com o próprio espaço, e os nomes, que retomam o Brasil e o “estrangeiro”, por meio de nomes ligados à história da colonização suábica, conforme mostraremos nas análises.

Descortinando vestígios de saturação

Para pensar sobre como ocorre a divisão entre o “nacional” e o “estrangeiro” por meio de nomes de ruas que constituem o espaço urbano de Entre Rios, trazemos a imagem de uma “placa monumental” fixada na Avenida Alemanha. Em certos pontos da colônia, algumas ruas apresentam, em seu espaço, placas monumentais que são fixadas em pedras ou suportes, que não só identificam o espaço, como também, configuram textos que, muitas vezes, explicam o contexto histórico em que foi dado o nome aquele espaço.



Texto-imagem 1 - Placa Monumental exposta na Avenida Alemanha, em Entre Rios, Guarapuava- Pr⁴

Nessa materialidade, a placa não só sinaliza para uma indicação, como também dá visibilidade ao processo de identificação com a Alemanha. Além disso, a ênfase dada à contribuição germânica para o desenvolvimento da colônia pode produzir um efeito de sentido de pertencimento do qual Entre Rios não pertence ao Brasil, uma vez que a câmara municipal não contribui com desenvolvimentos e sim aquele país que dá valiosa contribuição com seu desenvolvimento. Esse fato pode produzir um efeito de apagamento ou de negação do Brasil com relação ao crescimento da Colônia local.

³ A relação entre a “velha” e a “nova” pátria foi trabalhada por Adriana Bernardim, em dissertação defendida em agosto de 2013.

⁴ As imagens das placas analisadas neste trabalho fazem parte do acervo pessoal do autor.

O processo de identificação se dá nessas placas, também, por meio dos textos nas duas línguas (portuguesa e alemã) que, ao mesmo tempo em que retomam o país de origem, por meio da linguagem, produzem efeitos que dão visibilidade à manutenção da cultura local e a identificação com a língua alemã. Outros nomes de ruas que, aparentemente, remetem ao Brasil, podem produzir efeitos que retomam a história da colonização suábica. Para discutir essa questão, trazemos duas materialidades que trazem nomes brasileiros. É o caso de *Avenida Paraná* e *Avenida Brasil*.



Texto-imagem 2 – Placa exposta na Avenida Paraná em Entre Rios, Guarapuava – PR.



Texto-imagem 3 – Placa exposta na Avenida Brasil, em Entre Rios, Guarapuava – Pr.

Observamos no corpo da primeira materialidade, há identificação do local por meio da *Avenida Paraná* e essa nomeação nos inquieta, pois na ordem das evidências ela homenageia o Estado, produzindo um efeito de identificação desse povo que aqui construiu sua história com esse estado. Os suábios identificam-se com o Paraná, no entanto, outra questão desdobra-se em torno do termo “em gratidão à confiança”, pois, esse discurso rememora/comemora o início da colonização de Entre Rios, pois, conforme a história da colonização, o estado do Paraná “doou” as terras aos suábios que aqui chegaram. Nesse sentido, o trabalho da memória resume-se e significa na/pelo desejo dos imigrantes de manter vivas as tradições, segundo Venturini (2009, p. 50), “pelos vestígios de um passado que retorna como recordação”.

Tanto o nome identifica a *Avenida Paraná*, quanto a placa que materializa a identificação *Avenida Brasil*, pelas condições de produção do discurso também podem produzir efeitos de (des)construção de identidades e para uma rememoração/comemoração do discurso de colonização, uma vez que mesmo a materialidade trazendo o Brasil e o Paraná como homenageados, o termo “em homenagem” e “em gratidão à confiança” escritos na língua alemã podem causar um estranhamento, que sinaliza para uma identificação não só com o Brasil, mas também com o país de origem dos colonos.

Nesse sentido, é possível a observação de uma Formação discursiva que preserva traços de identificação alemã. Isso é possível por meio da linguagem e dos discursos que retomam a Alemanha



nesse espaço. Segundo Pêcheux (1995), as formações ideológicas são representadas por meio da linguagem na formação discursiva. Por isso, se diz que o sujeito se significa e é significado pela sua manifestação linguística, pelo que se reafirma que os sentidos sempre podem ser outros.

Interessa-nos ressaltar que os discursos nas placas e os nomes das duas avenidas funcionam, nesse espaço, de uma forma diferenciada, ou seja, as condições de produção sinalizam para o efeito de identificação com o Brasil, e (des)identificação com a Alemanha. Nesse sentido, as placas também retomam parte da história, fato que é possível por meio das condições de produção do discurso, por meio do contexto histórico e ideológico. Segundo Orlandi (2003), as condições de produção possuem relação direta com a produção de sentidos, permitindo-nos pensar no fato de que, nesse espaço, os discursos dão visibilidade para tais efeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das materialidades analisadas, foi possível observar que na Colônia de Entre Rios ocorre uma prática discursiva que direciona para a história da colonização desse espaço e que ocorre de diversas formas, entre elas, por meio dos nomes de ruas que constituem e identificam o espaço urbano. Como se observa, os efeitos de (re)divisão ocorrem neste enlace: de um lado o nacional, localizado geograficamente no espaço e, de outro, o estrangeiro retomado de diversas formas na comunidade. Além disso, temos de um lado a língua alemã e de outro a portuguesa. É importante frisar que juntas, podem causar efeitos de sentidos tanto de divisão quanto de união, sendo, talvez, a maior contradição encontrada nesse trabalho.

A partir disso, ponderamos que há efeitos que apontam tanto para a identificação nacional, como também, com a Alemanha, país de “origem” dos suábios, ou seja, há no eixo da formulação do discurso o funcionamento de duas *Formações Discursivas*, no entanto, a que prevalece é a que identifica os imigrantes com o país alemão. Esse processo de identificação pode contribuir com a manutenção da cultura local em que o simbólico e o político comungam-se no processo de produção de sentidos. Em última análise, o funcionamento discursivo observado por meio de nomes de ruas no espaço urbano de Entre Rios não funciona somente como indicador de endereço, mas como parte do processo que dá visibilidade a uma identificação com a Alemanha, que trabalha com o interdiscurso, retomando o já dito e, ao mesmo tempo, trazendo para a atualidade “memórias de um passado remoto”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.
- ORLANDI, Eni. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 8ª. Ed. Campinas: Pontes, 2003.
- _____. *Vão surgindo sentidos*. In: Discurso Fundador / Eni P. Orlandi (Org) – Campinas, São Paulo: Pontes, 3ª Edição, 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

_____. No Limiar da Cidade. *Rua*, Campinas: Unicamp, n. esp., p. 8-19, 1999.

_____. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, MICHEL. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio* / Michel Pêcheux; tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al]-2ª edição. – Campinas, SP: editora da Unicamp, 1995.

STEIN, M. *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-Pr*. Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário Urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo, RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2009.